

DIÁLOGO: A PRINCIPAL ESTRATÉGIA NA MEDIAÇÃO DE CONFLITOS

Autor (1) Sebastian Ramos; Coautor (1) Luiz Eduardo Brescovit.

Faculdade de Educação de Tangará da Serra – FAEST. professorsebastian@hotmail.com

Faculdade de Educação de Tangará da Serra – FAEST. luizedubrescovit@hotmail.com

Resumo: O presente artigo objetiva dialogar sobre a mediação de conflitos no contexto escolar, cujo tema é de fundamental importância no âmbito da educação. Para tanto, faz uma abordagem acerca dos termos e conceitos, além de apresentar aporte teórico fundamentado por renomados autores do cenário da educação. Além disto, também discorre sobre a experiência dos autores na vivência desta temática através de um minicurso realizado pelos mesmos. Neste, os participantes puderam debater sobre o tema, através da leitura e discussão do texto *Gestão do Conflito Escolar: Da Classificação dos Conflitos aos Modelos de Mediação* de autoria de Álvaro Chrispino. Contudo, pode-se obter como resultados um debate positivo e interessante entre professores e acadêmicos, além de ter promovido um intercâmbio de experiências enriquecedoras para novas pesquisas relacionadas ao tema. Concluiu-se, através desta atividade, a relevância da inclusão do tópico mediação de conflitos no currículo profissional dos professores, além de enfatizar a importância das estratégias neste processo como alternativa para garantir a qualidade do ensino-aprendizagem na escola contemporânea.

Palavras-chave: mediação de conflitos, educação, formação de professores.

INTRODUÇÃO

A ideia inicial deste trabalho surgiu na XIX Semana de Pedagogia da Faculdade de Educação de Tangará da Serra – MT no período entre 22 a 25 de maio de 2018. O evento teve início com palestra sobre *Mediação de Conflitos: Direitos e Deveres de Docentes e Discentes na Educação* e contou ainda com outras palestras, diversos minicursos e comunicação oral de trabalhos através de banners.

No minicurso: *Mediação de Conflitos no Ambiente Escolar* ministrado pelo autor e coautor deste trabalho percebeu-se a relevância dessa temática no contexto escolar, a partir daí o objetivo deste, centrou-se nas necessidades que os profissionais da educação têm de discutir a temática apropriando-se de novas possibilidades para mediar conflitos na escola e até mesmo prevenir que eles ocorram através do diálogo e do afeto. O referencial teórico deste estudo pautou-se especialmente em Álvaro Chrispino (2007) que assim se posiciona:

Na comunidade escolar existem pontos que contribuem para o surgimento dos conflitos e que, no mais das vezes, não são explícitos ou mesmo percebidos. A prioridade que se dá para os diferentes conflitos escolares é um primeiro ponto. [...] Os conflitos educacionais, para efeito de estudo, são aqueles provenientes de ações próprias dos sistemas escolares ou oriundos das relações que envolvem os atores da comunidade educacional mais ampla.

METODOLOGIA, RESULTADOS E DISCUSSÃO

O termo conflito, segundo o dicionário Infopédia da Língua Portuguesa significa: “enfrentamento, disputa, hostilidade, antagonismo, confronto, oposição”. Muitos outros

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

sinônimos poderíamos elencar para definir conflito, mas outra questão nos surge: o que faz desencadear nas pessoas atitudes de agressividade física, moral ou intelectual? Difícil definir com precisão, mas estudos revelam que "O homem nasce livre, e por toda a parte encontra-se a ferros". (ROUSSEAU,1973)

Em outras palavras, o homem nasce bom e é corrompido pelo processo civilizador. As famílias vivem numa crescente onda na batalha pela subsistência. O suprimento básico, as necessidades primeiras sobrepõem-se às demais. A lógica do capitalismo de correr para ter, se impõe a todo o momento. Pais e mães com baixo nível de escolaridade, famílias surgindo sem planejamento. Nesse contexto, elas ficam expostas a diversos problemas sociais que não sabendo como lidar com eles, as atitudes são de fúria ou até mesmo de ataque ao outro em diversas situações.

A mediação de conflitos é de suma importância no currículo dos professores, visto a realidade da sociedade e da escola contemporâneas, bem como o processo de formação de sujeitos.

Para Vygotsky (1993), o processo de mediação é concebido como uma forma de esclarecer a todos os envolvidos no processo educativo sobre as teorias de aprendizagem que possam estar embasando as ações pedagógicas é primordial. Dessa forma pode-se levar à consciência de que todas as teorias de aprendizagem que permearam a história humana, influenciadas por correntes filosóficas e psicológicas, possuem diferentes visões de mundo.

A escola recebe estudantes oriundos de diversas situações sociais, com diferentes marcas de identidade e cultura. No espaço escolar a educação se resume à sala de aula, onde o professor é o líder do processo e transmite os conteúdos necessários a cada faixa etária. As políticas de atendimento à formação integral proporcionam aos discentes, possibilidades de se desenvolver nas artes e tecnologias, estas por sua vez ainda fazem parte de discursos e propostas que não se concretizam, de certo modo, isso é um agravante.

Escolas e turmas superlotadas, professores despreparados, estrutura física e material decadente, falta de recursos tecnológicos também contribuem para desenvolver nas comunidades escolares ações de descontentamento por parte de estudantes, professores (as) e demais pessoas que por ali passam. Quando o sistema de ensino coloca em uma sala com espaço muito limitado grandes quantidades de alunos está sujeito a diversas situações, entre elas, os conflitos que surgem entre os desejos e proibições, as dificuldades de adaptação ao meio, as divergências entre as classes sociais, e os conflitos entre os processos de assimilação e acomodação das experiências de aprendizagem.

Ao propor o minicurso, já citado, os ministrantes pensaram em todas essas manifestações e dificuldades expostas acima. Somos professores do Ensino Superior, mas também estamos integrados indiretamente ao sistema público de ensino básico, deste modo, conhecemos e lidamos com algumas dessas dificuldades bem de perto.

Ao planejar optamos por uma literatura de fácil compreensão para leitura compartilhada: Gestão do Conflito Escolar: Da Classificação dos Conflitos aos Modelos de Mediação – de Álvaro Chrispino. O texto suscitou muitas discussões nos grupos. Entre os participantes havia 10 coordenadoras pedagógicas dos Centros Municipais de Ensino, 13 professores, 5 acadêmicos do curso de Pedagogia.

Propusemos 5 grupos de discussão. Cada grupo tinha um nome de flor e tinha uma temática específica: 1. Lírio- Conflito em sala de aula, entre professor e aluno; 2. Girassol – Conflito entre alunos; 3. Rosa – Conflito entre família e escola; 4. Margarida – Conflito entre professores; 5. Conflito entre alunos e vizinhança. A orientação dada aos grupos foi que primeiro deveriam pensar na flor que representava o grupo e fazer um cartaz de identificação do mesmo. Em seguida discutir a temática do grupo e fazer uma representação ou dramatização daquilo que discutiram apresentando a situação de conflito e como o grupo mediará essa situação.

Ficou muito interessante e produtivo, os grupos trouxeram situações vivenciadas nos espaços escolares, socializaram a intervenção feita e ainda ressaltaram o que não foi feito, mas que no momento viam como uma possibilidade a mais de mediação. Entre todas as mediações realizadas os pontos de destaque foram: o diálogo e o afeto como estratégias de resolução das situações de conflito na escola. Expuseram também os limites das famílias que na maioria das vezes usam de atitudes violentas por não possuírem o diálogo como uma ferramenta de resolução de problemas. Falta formação e informação para pais e mães no trato com seus filhos.

Sobre os professores, disseram a respeito do uso da violência simbólica que achata e oprime os sujeitos em discursos de subjugo, criando nestes, atitudes de defesa constante. Afirmaram ainda que há no município muitos professores com doenças psicossomáticas oriundas também da incapacidade de gerenciar situações de indisciplina e desagravo. Interessante notar que o próprio grupo de trabalho reconheceu que as atitudes negativas dos estudantes em atos de agressividade ou violência parecem fáceis de administrar quando declaradas por outros, então, uma coordenadora questionou: - “É difícil resolver determinadas situações que nos chegam ou também dificultamos por falta de paciência e indisponibilidade para ouvir os alunos? ”

O cotidiano é marcado por tantas histórias, algumas construtivas e outras que causam desânimo, mas o professor, o coordenador e toda equipe da escola devem dentro do possível construir a cultura do diálogo, assim os alunos irão apreender de forma prática a também dialogar, ao invés de agredir. Ouvir o outro é um princípio de alteridade, de sensatez e de humanidade.

Ainda sobre o minicurso a participação das (os) cursistas na dramatização foi interessante porque todos os grupos contavam com a personificação de agressores e mediadores, estes por sinal demonstraram habilidades argumentativas que valorizam todos os sujeitos ressaltando o valor de cada pessoa, nos diferentes contextos. Uma coordenadora ressaltou que: “Quando lemos, nos debruçamos sobre essa temática, fica mais fácil encontrar a solução e compreendemos o jeito mais fácil de intervir nas atitudes que nos chegam lá na escola”. A partir dessa premissa convém destacar a relevância dos programas de formação continuada no intuito de auxiliar o professor na revisão de suas práticas.

CONCLUSÕES

De acordo com Delors et al. (1998), o professor que associa o processo cognitivo e afetivo na formação dos sujeitos, trabalhando a autonomia sem, contudo, perder a sua autoridade, será melhor sucedido no processo educacional. Tais características são essenciais para o desempenho profissional e, contudo, não são aplicados nos dias atuais. Verifica-se que a perda de autoridade docente, além do abuso de poder e autoritarismo do professor, os torna responsáveis por conflitos entre estudantes e mestres, sendo um dos fatores intimamente ligados aos conflitos escolares (cf. GOMES; PEREIRA; LIRA, 2009).

A sociedade atual é, necessariamente, dependente de ações e agentes mediadores em todos os processos no qual a ação humana se faz presente. A mediação, por sua vez, caracteriza-se como ato concreto, embora não seja infalível. Por outro lado, trata-se do viés mais eficaz e pertinente no cenário da escola contemporânea. É inquestionável que a educação e formação dos sujeitos – crianças e adolescentes, é função da tríade: sociedade, família e escola. Cabe a esta analisar e repensar, nas práticas educacionais e dentro de suas limitações (econômicas, sociais, culturais), como se dá o processo de aprendizagem de seus alunos.

Para efeito de compreensão, a capacitação de professores é indispensável e além da formação inicial, e se faz pertinente para que se adeque as exigências, conhecimentos de sua atividade profissional nas transformações que ocorrem, garantindo maior eficácia em sua

didática a fim de consolidar os ensinamentos ao que concerne ao aprendizado dos discentes. (MARIN, 1995). Corrobora com Nóvoa (1991), onde afirma que a formação de professores, é de forma cíclica que o mesmo continua sempre em busca de aprendizados, a sociedade exige que este busque informações pertinentes para um bom desenvolvimento de seu trabalho, visto que se faz necessário que o professor entenda minimamente sobre o processo da mediação de conflitos para melhor desenvolver as relações atinentes ao ensino-aprendizagem.

REFERÊNCIAS

CONFLITO. *Conflito* in **Dicionário Infopédia da Língua Portuguesa**. Porto: Porto Editora, 2003-2018. Disponível na Internet: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/conflito>. Acesso em 22 ago. 2018.

CHRISPINO, Álvaro. **Gestão do Conflito Escolar: Da Classificação dos Conflitos aos Modelos de Mediação**. Ensaio: aval. pol. públ. Educ., Rio de Janeiro, v.15, n.54, p. 11-28. jan./mar. 2007.

DELORS, Jacques et al. **Educação: um tesouro a descobrir**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 1998.

GOMES, Candido Alberto; PEREIRA, Marlene Monteiro; LIRA, Adriana. **Revista Diálogo Educacional**, Rio Grande do Sul, v. 9, n. 28, p. 481-496, 2009

MARIN, A. J. Educação continuada: introdução uma análise de termos e concepções. **Cadernos CEDES**, São Paulo, n. 36, p. 13-20, 1995

NÓVOA, A. Concepção e práticas de formação contínua de professores. In: Congresso Nacional de Formação Contínua de Professor. **Formação contínua de professores: realidades e perspectivas**. Portugal: Universidade de Aveiro, 1991. p. 7-23.

ROUSSEAU, Jean-Jacques **Do Contrato Social**. São Paulo: Abril, 1973, p. 28 -36.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes Editora, 1993